

O COMÉRCIO DA SEDA, AS MULHERES E AS CLASSES SOCIAIS NA ROMA ANTIGA NOS SÉCULOS I A.E.C E I D.E.C

THE SILK TRADE, THE WOMEN AND THE SOCIAL CLASSES IN THE ANCIENT ROME FROM THE I BCE TO I ACE CENTURIES

Pedro Belfort¹

RESUMO

O artigo pretende investigar o comércio da seda chinesa na Roma Antiga durante o apogeu de seu Império e tentar entender o movimento entre as classes sociais com produto em questão, sobretudo, com as mulheres. Também investigar os discursos moralizantes da classe dominante romana contra o uso extravagante dos tecidos de seda pelas mulheres romanas como forma de ostentação social, evidenciando para além de uma manifestação misógina, uma crítica econômica com o temor da invasão da seda nos mercados romanos e, com isso, o enfraquecimento de sua economia em comparação com os Han da China.

PALAVRAS-CHAVES: Seda; Classes; Mulheres romanas.

ABSTRACT

This article intends to investigate the chinese silk trade in the Ancient Rome during in the heyday of Roman Empire and try to understand the movement between the social classes and your relation with the silk especially with the women. The article also intends to investigate the moralizing speeches of the ruling class against the extravagant use of silk woven by the roman women as a kind of social ostentation. Besides a misogynistic manifestation, it shows an economic critic caused by the fear of an invasion of the silk in the roman's markets therefore the weakening of its economy in comparison with the Han China.

KEYWORDS: Silk; Classes; Roman women.

¹ Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O Mediterrâneo desde a Antiguidade apresentou-se como uma espécie de ponto de encontro entre diferentes culturas, mercadorias e pessoas. As diferentes sociedades que ali surgiram, interagiam desde formas mais ordinárias como pelo caso do comércio e das trocas culturais até de formas mais perturbadas como no caso da guerra. Contudo, independentemente do cenário em questão, pode-se afirmar que o intercâmbio cultural juntamente com a circulação de mercadorias foi uma das marcas do Mediterrâneo Antigo.

Com o avanço dos estudos, muito em contribuição da arqueologia, podemos inclusive ampliar os horizontes do que imaginávamos ser as dimensões da economia antiga e suas rotas comerciais. Há um bom tempo os estudos acerca da Rota da Seda² têm ganhado força, muito em voga pela atual Nova Rota da Seda³, e por causa das suas relações com a Roma Antiga. Esses estudos vêm suscitando nos últimos anos novas abordagens através do comparativismo histórico entre essas duas civilizações.

A abrangência da economia antiga era sofisticada, diferentemente do que muitas vezes se possa pensar sobre ela por conta de suas infraestruturas ainda bem precárias. Apesar dessa sua precariedade tecnológica, havia uma intensa troca comercial entre civilizações relativamente distantes com intermédios de outros povos e, com isso, uma rede complexa de um grande jogo diplomático e comercial entre todos esses povos.

Um dos produtos mais famosos advindos dessas trocas comerciais e que chegaram inclusive a circular pelo Mediterrâneo foi a seda. Como salienta o historiador irlandês Raoul McLaughlin, a seda era um produto com uma certa facilidade de transporte, sendo esta leve e resistente para longas viagens por vias terrestres (MCLAUGHLIN, 2012, p. 137), o que talvez possa explicar como que em Roma havia um comércio já estabelecido dessa mercadoria mesmo em tempos mais antigos. Acerca da Rota da Seda, McLaughlin expõe que a mesma era formada.

(...) por várias estradas regionais que se ligavam no interior da Ásia para facilitar a movimentação de produtos da Índia e da China para o Ocidente. Essas vias comerciais estavam ligadas ao território romano por intermédio de uma série de importantes rotas comerciais (MCLAUGHLIN, 2012, p. 115).

² Foi a maior rota comercial da Antiguidade que integrava, inicialmente, a China Han com outros povos estendendo-se até o Oriente Médio, Ásia Central, Europa e algumas regiões da África Oriental. Por sua longa duração, ficou famosa no Ocidente também por conta dos relatos do viajante veneziano Marco Polo que as visitou nos séculos XIII e XIV.

³ Projeto do Estado Chinês lançado em 2013 que consiste num plano de investimentos de integração comercial, sobretudo, em infraestrutura a fim de provocar a ampliação das rotas comerciais chinesas fazendo alusão à antiga e famosa Rota da Seda.

Segundo Mark E. Lewis, o termo “Rota da Seda” foi cunhado por um geógrafo alemão do século XIX, ou seja, nem um romano ou um chinês da época jamais se referiram usando esse termo. A existência entre os dois povos para ambos era constituída apenas pela seda que chegava aos mercados romanos. Devido à grande distância entre essas duas civilizações, juntamente com a precariedade tecnológica das redes de transporte da época, a visão que cada um tinha do outro era reduzida por rumores e por impressões distantes (LEWIS, 2010, p.143).

Contudo, as longas distâncias entre esses diferentes impérios também impuseram dificuldades para o sucesso da Rota da Seda até Roma. Com uma quantidade considerável de Estados intermediários, isto é, que se localizavam entre os romanos e chineses, movidos por interesses políticos quaisquer provocavam bloqueios e tentativas de contenção do avanço e acesso à mercadoria para demais localidades. Um desses casos era dos partos que buscavam impedir o acesso dos romanos ao comércio da seda (MCLAUGHLIN, 2012, p.143).

Após essa breve contextualização acerca da Rota da Seda e sua relação com os romanos, podemos agora demonstrar essa abrangência da seda ser notada durante o período de transição da *Res Publica* ao Principado, no século I a.e.c. Assim, diversas percepções dos romanos acerca de povos estrangeiros começam a ser reveladas pelos documentos que sobreviveram. Coincidindo com o período de plena expansão militar e, por consequência, de novas rotas comerciais, o contato com povos diferentes passava a ser inevitável. O comércio da seda foi um dos mais prósperos que chegaram aos romanos pela ampliação das rotas comerciais com o Oriente. No presente artigo, veremos quais foram as consequências que esse comércio, no caso da seda, proporcionou aos romanos e qual a relação que eles construíram com esse produto, sobretudo, as mulheres romanas.

Segundo Raoul McLaughlin, desde o final do período republicano, com a conquista do Mediterrâneo, os romanos começam a ter uma certa noção mais ampliada do mundo para além dos confins da área mediterrânea. Novas conquistas desempenharam novas rotas e contatos, mesmo que indiretos, para áreas mais

longínquas em direção ao leste. O grande Império Han⁴, isto é, o Império Chinês unificado sob sua segunda dinastia, já contava há dois séculos com uma extensão territorial e uma população de dimensões similares a dos romanos. Contudo, o interesse dos Han pelos romanos era mais evidente que o contrário, tanto que já investiam em ambiciosas empreitadas para estabelecer contato com civilizações em direção ao Ocidente, inclusive romanos (MCLAUGHLIN, 2012, p.17).

Segundo a historiadora Berit Hildebrandt, a seda se tornou muito popular em Roma no final do século I a.e.c e o início do século I d.e.c. Essa popularidade da seda coincide na mesma época do Principado de Augusto juntamente com a anexação do Egito, e, por consequência, do controle do Mar Vermelho e das rotas comerciais vindas do Oriente, sobretudo, dos mares da Índia (HIDEBRANDT, 2022, p. 499).

Como dito, os romanos passam a ter um contato maior com o Oriente, sobretudo, a partir da conquista do Egito no século I a.e.c. Porém, isso não resultava imediatamente num comércio facilitado e estabelecido diretamente com os Han, pois havia a presença de reinos intermediários, como por exemplo, a Bactria, a Pérsia, a Pártia e os reinos da Índia que, como já falamos anteriormente, ora impediam o contínuo fluxo de mercadorias diretamente entre os dois. Havia uma complexidade de interesses econômicos diversos e também políticos desses povos intermediários pelas mercadorias⁵.

Porém, a visão acerca dos *seres*⁶, assim como eram denominados os chineses para os romanos, não era homogênea, ora havia percepções positivas, ora negativas de acordo com as circunstâncias históricas em que foram produzidas essas documentações. Contudo, devemos nos atentar antes de tudo que quem produziu essa documentação eram exclusivamente apenas autores que eram membros da elite senatorial romana, ou seja, evidenciando uma abordagem atrelada a uma perspectiva elitista e não popular daquela sociedade. Essa era a fonte de produção da ideologia dominante expressados

⁴ A Dinastia Han que durou entre os séculos III a.e.c – III d.e.c., assumiu o poder a partir da deposição da Dinastia Qin, que havia unificado a China Imperial. Foi marcada pela consolidação da estrutura imperial edificada sobre uma base burocrática, pela conquista de novos territórios e o avanço do comércio.

⁵ Cf: MCLAUGHLIN, Raoul. *The Roman Empire and Indian Trade: the ancient world economy and the kingdoms of Africa, Arabia and India*. United Kingdom: Pen and Sword Maritime, 2021.

⁶ *Seres* é a designação latina dos povos que habitavam a China, o nome remete à seda, ou seja, povo da *Sinae*, isto é, Terra da Seda.

por suas classes dominantes naqueles tempos. Como salientou Marx, não podemos estudar um tempo apenas pelas suas ideias dominantes, ou melhor, pelo que sua documentação diz de si própria, pois estaremos nos defrontando apenas pela ótica das suas classes dominantes, e logicamente, pelos seus interesses específicos expressados em forma de ideias, logo, mistificaremos aquela realidade e a enviesando. (MARX, 2008, pp. 47-48).

Além disso, como salienta a historiadora Berit Hildebrandt, esses discursos que são reproduzidos pela documentação não podem ser encarados com tanta instantaneidade, pois, esses textos que chegaram até nós são resultado do processo de cópia dos textos feito pelos monges medievais. Com isso, o material que sobreviveu já bem selecionado expressa o interesse de quem os copiou, e essa quantidade de discursos moralizantes contrários ao uso dos tecidos de seda também expressa um moralismo e um pudor cristão com o corpo. Ao ler esses documentos pode-se gerar uma falsa impressão de que os discursos eram muito numerosos e que isso tinha correspondência direta sobre toda a sociedade, porém, eles foram os únicos que sobraram daqueles que foram selecionados arbitrariamente (HIDEBRANDT, 2022, p. 499).

A visão que temos sobre como os romanos viam os chineses é fruto de uma documentação específica das elites romanas, logo, são seus interesses materiais expressados nela. Como já nos referimos antes, essa percepção não era linear e constante, mas pelo contrário, alterava consideravelmente dependendo das circunstâncias do tempo em que foram produzidas evidenciando os interesses por trás do discurso retórico.

Como salienta o historiador André Bueno, Floro⁷, baseado na documentação expressa nas *Res Gestae Divi Augusti*, sustenta que já havia um trato diplomático entre os *seres* e os romanos desde os tempos de Augusto. Nesse ponto temos uma demonstração de reverência e até mesmo de admiração com a riqueza cultural e material daquele povo. Contudo, os fabricantes de seda também eram vistos como perigosos havendo um misto entre admiração e temor pelos *seres*. André Bueno destaca

⁷ Publius Annaeues Florus foi um orador latino de origens africanas.

que os romanos alternavam sua percepção pelos chineses com respeito e temor em diversos autores, como por exemplo, Ovídio, Pomponius Mela e Horácio. De um lado, teciam elogios quanto ao caráter mercantil dos *seres*, mas de outro, manifestavam um certo temor quanto às atividades militares dos mesmos (BUENO, 2021, pp.40-41).

Sobre o comércio entre os romanos e chineses, podemos dizer que se centrava num produto específico: a seda. A dinastia Han, responsável pela estabilidade e prosperidade da China recém-unificada pelos Qin⁸, estabeleceu no século I a.e.c a famosa Rota da Seda, logo houve uma intensificação do fluxo de produtos chineses, sustentados, sobretudo, pela seda em direção às diversas civilizações a oeste da China. Contudo, a seda se tornou a principal e mais procurado produto chinês muito devido ao desconhecimento sobre o seu modo de fabricação, que se dava através da saliva da lagarta da mariposa da espécie *Bombyx Mori*. Além dessas propriedades comerciais da seda, o produto acabou adquirindo uma função social em Roma, pois era bastante procurado pela elite romana como uma forma de atribuir status social e poder. Em suma, uma forma de ostentação. Pode-se dizer que por causa dessa sua boa recepção e pela procura das elites romanas que o consumo da seda era grande mesmo sendo considerado um item caro (BUENO, 2021, p. 38).

A procura por tecidos e joias orientais era condicionado pelos desígnios da moda da sociedade romana. Um desses tecidos era a seda que era considerado um material mais denso, portanto, os romanos urdiam novamente os tecidos a fim de torná-los mais leves e finos, se assemelhando à textura conhecida da seda contemporaneamente. No início, a roupa de seda era associada às vestimentas das prostitutas pela espessura quase transparente, logo, era um item marginalizado e estigmatizado naquela sociedade, pois as mulheres de famílias mais elitistas deviam usar, de acordo com os desígnios da moda da época, roupas de tecidos de linho ou algodão. Contudo, tempos depois, a moda da seda acabou chegando às classes mais abastadas, apesar de num primeiro momento vestirem trajés tradicionais de algodão ou linho combinadas agora com tecidos de seda. A roupa de seda ficou associada no imaginário romano à sedução feminina e a combinação de roupas de tecidos tradicionais juntamente com a seda

⁸ Primeira dinastia da China Imperial Unificada de 221 a.e.c – 206 a.e.c.

acabaram criando uma nova moda estabelecida em Roma (MCLAUGHLIN, 2012, pp. 198-199).

O comércio da seda atingiu dimensões tão elevadas que até mesmo um mercado da Seda fora aberto em *Vicus Tuscus* nas proximidades do centro da cidade de Roma onde se podiam encontrar os tecidos mais finos de seda. A tendência da moda feminina impulsionou a procura da seda em trajes glamurosos, contudo, os tecidos de seda eram considerados ainda como um produto exótico por ser associado ao Oriente, e com isso, evidenciava uma certa carga de preconceito. Com as altas vendas e o uso desenfreado causado pela seda, começam então a aparecer reações contrárias ao uso do tecido como uma forma de expressão desse consumo incontrolado e de reação à nova moda criada. Um dos precursores dessas reações foi Sêneca, membro da elite senatorial romana (MCLAUGHLIN, 2012, p.199).

Segundo Hildebrandt, a introdução da seda em Roma foi acompanhada por discursos moralizantes que também se referiam a outros produtos considerados exóticos e atrativos. A seda, segundo a historiadora, foi caracterizada pela luxúria, extravagância, estrangeirismo, ao feminino e à ostentação, por isso, um sinal de fraqueza pois era associada ao sexo feminino e que estaria violando o pudor e a austeridade das vestimentas e tradições romanas (HILDEBRANDT, 2022, p. 499).

Em Sêneca, podemos perceber uma crítica aos *seres* promovidas por duas razões: uma de âmbito moral e outra econômica, sendo que a primeira está relacionada às causas da segunda. O moralismo de Sêneca expõe de um lado a sua “xenofobia” e de outro a sua “misoginia”, que estavam de acordo com os princípios daquela sociedade de formação e organização patriarcal. Para combater a inundação da seda chinesa nos mercados romanos, Sêneca se utiliza do ataque moral às mulheres, que eram as principais consumidoras do produto e que mais usavam roupas de tecido de seda. Sêneca diz assim:

Eu posso ver as roupas de seda, os materiais que não escondem o corpo, nem mesmo a própria decência, e nem poderiam ser chamados de roupas [...] para que a mulher adúltera possa ficar visível através de seu fino vestido fino, de modo que seu marido não conheça mais do que qualquer estranho ou estrangeiro o corpo de sua esposa. (BUENO, 2021, pp. 41-42).

Sêneca claramente expõe um argumento moral que no fundo manifesta uma preocupação de caráter econômico devido à infestação da seda que estava causando prejuízos aos produtos romanos. Vale lembrar que Sêneca era membro da elite senatorial romana e se mostrava preocupado com os enormes prejuízos decorrentes do alto consumo da seda. Como já fora salientado, a seda era um item de luxo, mas ao mesmo tempo era procurado demais por ser um demonstrativo de status social e de poder daquele que a vestia.

Mais uma vez, de acordo com o discurso de caráter moralizante contra a seda, temos mais um outro relato de Sêneca que diz assim:

Eu vejo roupas de seda – mas como isto pode ser chamado de roupa quando nada oferece que possa dar proteção ao corpo ou algum pudor? Quando uma mulher usa essas sedas, ela não pode dizer em sua consciência que não está nua. Essas sedas são importadas a um alto custo de nações desconhecidas por meio do comércio. A seda é importada para que nossas mulheres casadas possam mostrar o corpo às pessoas nas ruas do mesmo modo que se exibem aos seus amantes na alcova (MCLAUGHLIN, 2012, p.199).

Contudo, temos outras manifestações contrárias à seda que remetiam sempre uma certa responsabilização das mulheres quanto à procura do produto, e mais uma vez combinando uma crítica de ordem moral com intuito de salvaguardar interesses meramente econômicos. Raoul McLaughlin expõe que durante um discurso ao Senado em 22 d.e.c, o Imperador Tibério chamou a atenção dos senadores sobre os efeitos da seda nos mercados romanos. Como afirmava o imperador, “Nossa riqueza é transportada para países estranhos e hostis por causa do uso indiscriminado desses trajés por homens e mulheres, principalmente mulheres.” (MCLAUGHLIN, 2012, p.19).

Plínio Velho faz uma crítica, também de ordem moral com um intuito econômico por trás aos hábitos nada austeros que a elite romana desempenhava juntamente ao seu desejo pelo tecido de seda e outros produtos orientais. Para ele, “Todo ano a Índia, China e a Arábia levam de nosso império, numa estimativa direta de nossas importações, cerca de cem milhões de sestércios” (BUENO, 2021, p. 19) e “é isso que custa o luxo de nossas mulheres.” (MCLAUGHLIN, 2012, p.19).

Apesar desses discursos moralistas contra o uso extravagante de tecidos de seda por mulheres, Berit Hildebrandt enfatiza que em textos mais antigos o uso da seda não

era somente mencionado as mulheres como as principais consumidores e admiradores da mercadoria, mas também os homens. Diferentemente do que era mostrado, o uso da seda não estava restrito apenas às mulheres, prostitutas e homens com desvios morais (HILDEBRANDT, 2022, p. 499).

Como dito, a seda não ficou restrita às mulheres. Temos uma documentação que nos mostra que entre os homens, a seda também proporcionou uma procura pelo seu tecido, sobretudo, na classe senatorial. Tanto que para frear o avanço da moda masculina da seda, o Senado aprovou em 16 d.e.c uma lei que restringia o uso de seda entre a aristocracia masculina. Segundo McLaughlin, essa lei tinha dois objetivos específicos: primeiro, de tentar diminuir a ostentação entre os senadores, que era um dos principais criadores de animosidade entre os mesmos e o segundo, de coibir uma tendência até então considerada “feminina” nos homens pelo uso do tecido e que os senadores mais tradicionais se opunham. Contudo, essas tentativas fracassaram, pois até mesmo o próprio Imperador Calígula se apresentou em público vestindo trajes de seda, desmoralizando essa lei, revelando então que a seda também era cobiçada entre os próprios imperadores (MCLAUGHLIN, 2012, p.199).

Segundo McLaughlin, essa questão envolvendo a seda e os mercados romanos é mais um indício de uma estratégia política e comercial que os Han há muito haviam se especializado para possuir uma supremacia dada pela inundação de mercadorias em diferentes regiões. No Oriente, os Han acreditavam que através da inundação de suas mercadorias em certos lugares provocaria uma dependência aos produtos e alimentos chineses, e então poderiam impor sua dominância em uma determinada região, transformando-as numa espécie de zona de influência. Com isso, de alguma forma essa política acabava facilitando os anseios pela sua própria segurança, pois, devido a essa dependência econômica, as chances de possíveis guerras contra seus vizinhos eram reduzidas. A partir dessa mesma dependência, os Han podiam diminuir o envio dos produtos ou até mesmo os cortando por completo. Com isso, alterava-se os preços dos produtos locais e os Han conseguiam controlar seus inimigos mais poderosos, assim reduzindo a possibilidade de certos povos de guerrear contra a China (MCLAUGHLIN, 2012, p.19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o consumo da seda revelava, para além de um gosto particular, o caráter de classe que o produto passou a desempenhar naquela sociedade por conta do seu preço elevado e pelo seu status social que provocava. Após alguns anos, o produto passou a se concentrar, sobretudo, nas aristocracias, principalmente femininas, que tinham mais recursos para adquiri-lo e era comumente usados como um objeto de ostentação, ou seja, mais uma vez reafirmando sua relação fetichista com o caráter de classe expressado pelo seu próprio uso naquele contexto. Através de um simples produto, um universo das relações sociais pôde ser também ser revelado e estudado pelas suas nuances através da própria seda.

A crítica moralizante contra o uso da seda pelas mulheres, além de evidenciar uma “misoginia” bem característica daquela sociedade de formação social patriarcal, ocultava um problema bem maior por trás. Os discursos moralizantes das elites senatoriais romanas de certo modo disfarçavam uma preocupação dessa classe política romana com a invasão da seda em seus mercados e que como vimos, era parte de uma estratégia antiga que os Han já utilizavam com seus vizinhos asiáticos, tornando-os dependentes dos produtos chineses para evitar conflitos bélicos e, assim, exercer uma influência em seus vizinhos. E, além disso, como já fora dito, a sobrevivência documental apenas desses discursos moralizantes, próprios das elites políticas masculinas, também se deu pela seleção que os copistas medievais traçaram de acordo com seus interesses que, por sua vez, se combinavam com a reprovação da vestimenta de seda expressando então um moralismo e pudor cristãos.

Contudo, esse tema acerca da seda em Roma ainda carece de novos estudos, sobretudo, a relação que a seda teve com as classes populares romanas. Basicamente o que temos são documentações históricas restritas e advindas das classes dominantes romanas. Como Hildebrandt expôs acerca dos discursos moralizantes advindos da elite senatorial romana, se havia uma quantidade de discursos reprovando o uso da seda pode-se, portanto, concluir que conseqüentemente isso seria um indício de que a seda era bem difundida popularmente (HIDEBRANDT, 2022, p. 499).

Ao estudar a relação da seda com os romanos, reforçamos mais ainda a necessidade de se estudar as civilizações orientais e a imensa contribuição que as mesmas deram aos romanos. Um estudo em história antiga que negligencie os povos do Oriente e o intenso intercâmbio comercial e cultural seria além de reduzi-la, uma perpetuação da concepção orientalista⁹ de raiz eurocêntrica dentro da historiografia. Ao perceber a dimensão extraordinária do comércio da seda e da sua sofisticada, em relação à época, integração com os demais povos asiáticos e até mesmo mais a oeste coloca-se os estudos antigos em estreita correlação com a nossa atualidade e nos ajuda a revelar as reais dimensões daquele mundo, ou melhor, mundos.

REFERÊNCIAS

- BUENO, André. Como os Romanos viam os Chineses. *NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade*. Rio de Janeiro, volume XI, número II, pp.32-48, 2019. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/49486> > Acessado em: 29 out. 2021.
- HILDEBRANDT, Berit. Roman Silk Trade and Markets In: LIU XINRU. *The World of the Ancient Silk Road*. Nova York: Routledge, 2022, pp. 497-509.
- LEWIS, Mark Edward. *The Early Chinese Empires: Qin and Han*. Harvard University Belknap Press, 2010.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MCLAUGHLIN, Raoul. *Roma e o Oriente Distante: Rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China*. São Paulo: Editora Rosari, 2012.
- MCLAUGHLIN, Raoul. *The Roman Empire and Indian Trade: the ancient world economy and the kingdoms of Africa, Arabia and India*. United Kingdom: Pen and Sword Maritime, 2021.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁹ Em referência ao sentido atribuído às análises de Edward Said em *O Orientalismo* acerca da construção da visão ocidental sobre o Oriente e o impacto dessa mesma ideia no imaginário ocidental que atravessa inúmeros eixos desde a literatura até às ciências. Cf: SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.